



Futuros possíveis: pensando as crises ambientais a partir da interconexão arte, natureza e tecnologia

Maria Amelia Bulhões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

ORCID: 0000-0001-5983-9730

Resumo

Análise das contribuições de Malcon Ferdinand, Bruno Latour, Yuk Hui, Ticio Escobar e Luciano Floridi para a compreensão do contexto das crises climáticas e sanitárias que se colocam hoje como emergenciais, buscando conexões entre seus discursos teóricos e as práticas artísticas no desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Com foco na tríade arte, natureza e tecnologia, o texto explora a articulação entre estas três áreas para pensar o lugar da arte no panorama das catástrofes ambientais.

Palavras-chaves

Arte contemporânea. Ecologia decolonial. Cosmodiversidade. Aura latente. Infosfera

Abstract

Analysis of the contributions of Malcon Ferdinand, Bruno Latour, Yuk Hui, Ticio Escobar and Luciano Floridi to understanding the context of the climate and health crises that are currently emerging as emergencies, seeking connections between their theoretical discourses and artistic practices in the development of a research project. Focusing on the triad of art, nature and technology, the text explores the articulation between these three areas to think about the place of art in the panorama of environmental catastrophes.

Keywords

Contemporary art, Decolonial ecology, Cosmodiversity, Latent aura, Infosphere.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Encontrava-me desenvolvendo este texto quando se abateu sobre o Rio Grande do Sul o maior desastre ecológico ocorrido nos últimos anos em nosso país, o que veio reforçar para mim a necessidade de o campo artístico se comprometer com o enfrentamento responsável da ação dos humanos no planeta Terra que habitamos e com o qual estamos totalmente articulados em nossas formas de vida. Assim, esta pesquisa em desenvolvimento deve ter um perfil teórico prático, articulando debates e ensejando ações. O fio condutor das reflexões neste texto é a análise da crise do modelo Antropoceno (ou Capitaloceno, como rotulam alguns autores)¹ em diferentes perspectivas, que incluem abordagens socioeconômicas, políticas, filosóficas e antropológicas. A partir de eminentes autores que se dedicam a este tema, gostaria de ir agregando algumas questões importantes sobre nossas vivências atuais na infosfera² e as possibilidades de pensar a diversidade das cosmotécnicas³ no campo das artes visuais.

Nos últimos anos, principalmente com a pandemia da COVID-19, o debate sobre as crises sanitárias e climáticas e os problemas que o desenvolvimento tecnológico vem causando ao planeta e seus habitantes está se intensificando em diversas áreas do conhecimento (científicas, sociológicas, filosóficas). A pandemia em si e o uso intenso da internet neste momento, como possibilidade de manter algum tipo de contato e continuidade de atividades interrompidas pelo isolamento social determinado para controle da doença, trouxeram, ao mesmo tempo, a dimensão de riscos para o planeta como unidade vivencial e o avassalador efeito do crescimento dos conglomerados de comunicação, dividindo opiniões entre visões catastróficas ou salvacionistas. Venho acompanhando os desdobramentos desses debates, interessada em especial pelas articulações entre arte, natureza e tecnologia.

No meu trabalho de pesquisa, o foco nesta tríade surgiu da compreensão de que é necessário articular essas três áreas de conhecimento para pensar atuais condições de nossas práticas artísticas frente a desafios que se colocam hoje como emergenciais. É preciso enfrentar novas interações, buscando conversas e interlocuções como caminho para inserir o

1 Antropoceno ou Capitaloceno são termos usados por autores como Bruno Latour, Edgar Morin, Nicolas Bourriaud, entre outros, para se referir ao período geológico em que as modificações realizadas no nosso planeta pelo homem causaram profundas alterações.

2 Conceito desenvolvido por Luciano Floridi se refere a realidade do mundo digital online, que abarca uma complexa realidade oo/off no mundo contemporâneo.

3 Conceito desenvolvido por Yuk Hui, que aborda a tecnologia como uma forma de compreender e viver o mundo e não como mero conjunto de ferramentas.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

campo da arte na realidade social, política e ecológica, percebendo seu pertencimento a um contexto e analisando suas interferências nele e possíveis contribuições. A arte é uma prática simbólica, uma forma com a qual representamos o mundo e nos representamos nele. Há muitas possibilidades de exercer as atividades simbólicas através de imagens, a pintura corporal indígena ou o grafite, por exemplo, mas somente uma fatia dessas diversas práticas com o imaginário visual que é designada e reconhecida pela sociedade como arte. Muita coisa fica de fora, então é preciso pensar na construção desta artisticidade, o que está sendo institucionalizado, o que está emergindo, entrando no circuito, sendo reconhecido ou sendo questionado. Esses fluxos enriquecem e expandem o sistema da arte que desde sua origem, e ainda hoje, é muito elitista e excludente. Tenho trabalhado muito sobre isso e penso que as novas tecnologias, principalmente o digital na forma *on-line*, podem abrir uma série de possibilidades de inclusão, de diversificação, de participação, rompendo com limitações de autoria, obra única, e as tão estritas regras de controle do sistema da arte; como estar num museu, estar numa galeria etc. Principalmente porque nos encontramos hoje em um mundo em que a infosfera – espaço de informação na era digital, com os agentes (pessoas, dispositivos, interfaces) e operações (funções) que o atravessam passou a constituir o nosso meio natural. Segundo Floridi (2014), que cunhou o termo infosfera e que lida há muitos anos com as implicações do digital em nosso universo, nos encontramos em uma “quarta revolução”⁴, responsável pela criação de um mundo físico e digital em interconexão. Estabelece uma nova circunstância de comunicação que interfere na vida social, redimensionando nossos padrões, valores e costumes, repercutindo em todas as áreas da vida humana, de forma a não termos mais um mundo virtual separado do mundo físico.

Essa organização *on/off* posiciona os dados (coleta, classificação e utilização) como um elemento de valor fundamental, estabelecendo novos regimes de vida e valores na sociedade, tornando indistinta a separação virtual/físico. Segundo o autor, a revolução digital abre um outro capítulo na história da humanidade, tão importante quanto os estabelecidos pelas revoluções agrícola e industrial. Principalmente com o uso da Inteligência Artificial, IA, lidamos com inovações tecnológicas extraordinárias no

4 Segundo Floridi, a quarta revolução seria a passagem para a hiper-história, após as quatro feridas narcísicas. A primeira seria a copérnica, que tirou a Terra do centro do universo; a segunda é a do darwinismo, com a perda da centralidade do homem na origem das espécies; a terceira, a freudiana, que retira a hegemonia do consciente. A quarta seria a digital, que com a Inteligência Artificial redimensiona a centralidade do homem em termos de conhecimentos.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

registro, na distribuição e no processamento automático de dados. Para ele, o uso de tecnologias, desde sempre, muda a natureza e o próprio homem, trazendo embutidos riscos, mas também pode reduzir o espaço para os riscos. Floridi, em entrevista recente, falando sobre seus estudos da infosfera, destaca a importância de estar alerta para o uso das tecnologias digitais e de Inteligência Artificial, pois, quando não orientada por bons propósitos, a engenhosidade humana pode ser perigosa. *“Se a revolução digital não for controlada e guiada de forma ética e sustentável, ela pode exacerbar os problemas sociais, do preconceito à discriminação; erodir a independência e a responsabilidade humanas; e piorar os problemas do passado, da distribuição injusta de custos e benefícios ao desenvolvimento de uma cultura da mera distração”* (FLORIDI, 2021). A superação das crises do Antropoceno passa necessariamente pelo uso consciente e responsável das novas tecnologias e do conhecimento manipulado em grande escala que elas nos possibilitam. Floridi defende um tecnoambientalismo em que metatecnologias (sistemas legais e tecnologias de segurança) promovam a prevenção, a limitação, o reparo e a compensação para os riscos. Ele defende que a infosfera pode ser um espaço comum que precisa ser preservado para benefício de todos.

Os novos modos de comunicação e as maneiras com que nos relacionamos com o mundo e com os demais seres se tornam cada vez mais complexos, transformando nossas subjetividades. Assim, o caráter eminentemente comunicacional/subjetivo das artes visuais nos coloca no epicentro dessa atuação na sociedade contemporânea. Essas inter-relações precisam ser pensadas, pois, estamos vivendo uma crise deste modelo em que o homem é o centro, promovendo uma interferência enorme sobre o meio ambiente, em uma perspectiva de que os humanos se veem fora da natureza e com direito de nela intervir, quando na verdade não estamos separados. Todos estamos agindo e recebendo as ações do planeta, que é uma grande nave. O conceito de Gaia, com que muitos estudiosos têm trabalhado, é de que na natureza nada é separado nem há uma permanência estável. *“Gaia. Não é sequer um todo, um existente global. É simplesmente a consequência das sucessivas invenções dos viventes que acabaram transformando completamente as condições físico-químicas da Terra geológica inicial”* (LATOURET, 2022). Segundo este importante autor, no debate, a história e a vida do planeta Terra é um desdobramento das relações que os seres vivos estabelecem com o seu meio e de como vão transformando esse ambiente para sua sobrevivência, fazendo da Terra um “planeta vivo”, bem diferente dos demais conhecidos por nós. A exposição *Incertezas em Gaia*, que fez parte da Cátedra Arte e Natureza, processos

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

híbridos, se colocou como uma exploração artística deste conceito e de seus desdobramentos, assim como também a mostra *EcoArte: Terra em transe*, realizada como parte das atividades do SIMI (Simpósio Internacional de Mídias Interativas). Ambas desenvolvidas em centros universitários (UFRGS e USP), são exemplos de comprometimento com as questões da natureza no meio artístico acadêmico no Brasil.

Um aspecto importante nas abordagens ecológicas tradicionais a ser considerado foi desenvolvido por Malcolm Ferdinand (2022), que desenvolve a ideia de que as crises ambientais devem ser abordadas a partir do enfrentamento do modelo colonial, superando a segmentação dos movimentos decoloniais, que se desinteressam das pautas ecológicas neste momento tão premente. Segundo ele, temos que enfrentar uma dupla fratura: colonial e ambiental, buscando construir uma ecologia decolonial como caminho comum, a bordo do navio mundo, focados no que ele denomina uma “ecologia do mundo”. Ele aponta toda uma série de decorrências da exploração colonialista predatória que traz dentro dela uma grande contradição. A extrema riqueza e a extrema miséria, que são as duas faces de uma mesma moeda. Essas reflexões vêm como resposta à crise que põe em xeque o pensamento humanista, modernista originário do mundo moderno, que se iniciou depois da Idade Média na Europa, com as grandes navegações, com a expansão territorial europeia e com os processos colonialistas, que vêm desde o século XVI e ainda continuamos no século XXI. Os grandes impérios coloniais foram forjados em cima da ideia do homem como centro, essa ideia do humanismo que coloca o homem (branco, europeu e masculino) como centro de uma expansão colonial global, predatória. Uma conquista que explora de forma desastrosa a natureza e os seres (entre eles os humanos) que fazem parte dela. As crises climáticas trazem intrinsecamente uma crise do Estado, do Estado-Nação que surge no modelo das grandes navegações e da expansão europeia no mundo. Tanto que foram os países que já tinham Estado Nacional: Portugal, Espanha, França, Inglaterra, que já estavam organizados como Estados Nacionais, que fizeram os processos de dominação. A Itália e a Alemanha, que só se unificaram no século XIX, só vão fazer sua expansão colonial no século XIX. Para buscar e construir os seus impérios a partir dos processos de dependência de Unidade Nacional. E foi o processo de unidade nacional que expulsou os colonos das terras da Itália e da Alemanha e que vieram colonizar o Brasil. Então esses colonos que vieram no século XIX para o Brasil na região sul, foram expulsos pelo processo de industrialização que fechou as terras comunitárias, apoiadas pela centralização do Estado Nacional, seja na Itália como na Alemanha.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

O fato de o homem usar o ferro, dominar o ferro determina grandes mudanças na maneira dele se relacionar com o mundo, dele pensar o mundo, dele construir o mundo. *“Se a natureza e a Terra não são idênticas ao mundo, aqui o mundo inclui a natureza, a Terra, os não humanos e os humanos ao mesmo tempo que reconhece diferentes cosmogonias, qualidades e maneiras de estar em relação uns com os outros”* (FERDINAND, 2022, p. 20). Então, é interessante a gente pensar que as coisas não correm por acaso, *“temos que lidar não no futuro, mas em grande parte no passado pois o que quer que façamos, a ameaça permanece conosco por séculos, ou milênios”* (LATOUR, 2023, p. 109). Este processo de expansão colonial, predatório e global, foi sustentado por tecnologias de dominação, da natureza e dos povos, com grandes interferências e imensas repercussões, como o domínio tecnológico das armas de fogo, com o uso da pólvora. A conquista colonial se deu em cima deste poder destrutivo que não foi inventado pelos europeus, mas pelos chineses, que a utilizavam em fogos de artifícios. Em seu processo de expansão colonial, os europeus conseguiram transformá-la em uma grande arma de conquista. Conquistaram várias regiões do mundo a base das armas de fogo, em um projeto de exploração e destruição das estruturas dos povos dominados. Para explorar os minérios, para explorar, plantações tipo monoculturas que desgastam o solo, que destroem as terras, que destroem a própria formação dos regimes climáticos, chuvas, ventos, plantações que usam o assoreamento dos rios.

Muitos autores estão engajados nas ideias de que as crises do Antropoceno são decorrentes de um uso da tecnologia desenvolvimentista que leva a monopólios, leva um uso militar de dominação e destruição, colocando em risco, inclusive, os modelos democráticos de participação. Pode-se avançar na proposta de análise da tradição do pensamento iluminista que fragmenta os setores do conhecimento em artes, filosofia, ciências, tecnologias etc. se reflete no fato de que existe muita pesquisa e referências sobre arte e natureza, assim como sobre arte e tecnologia, mas as interconexões, arte, natureza, tecnologia com os cruzamentos entre eles é pouco explorada. Reflete de certa forma a também inexistência de conexões entre o pensamento ecológico, de ambientalistas e diversos pesquisadores envolvidos nestas reflexões com aqueles que pensam as tecnologias digitais, suas problemáticas e suas novas possibilidades e perspectivas.

Para avançar em possíveis novas abordagens, os estudiosos brasileiros Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014), em uma perspectiva

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

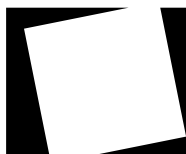
e-ISSN: 2179-8001

antropológica, perguntam-se: *“Há mundo por vir?”*. Colocando-se frente a uma suspensão e explorando possibilidades de outros mundos no mundo. Esses autores nos apontam para as diversidades culturais como alternativas frente ao desfazer-se do mundo ocidental que conhecemos. Segundo eles, *“Temos muito que aprender com esses povos menores, que resistem em um mundo empobrecido, que nem sequer é mais o seu...”*. *“Falar no fim do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar deste nosso mundo presente, um novo povo; o povo que falta: Um povo que creia no mundo que de deverá criar com o que de mundo nós deixamos a ele”* (p. 159).

Na mesma linha de pensamento, em uma perspectiva filosófica, Yuki Hui (2021) desenvolve uma reflexão a partir de sua origem chinesa: *“propõe rearticular a questão da tecnologia; em vez de entendê-la como um universo antropológico, precisaremos redescobrir uma multiplicidade de cosmotécnicas e reconstruir suas histórias para projetarmos no Antropoceno as possibilidades que nelas estão adormecidas”* (pg.8). O autor trabalha a partir do pensamento do que ele chama tecnodiversidade. Para ele, a tecnologia digital, que hoje nós pensamos como “a tecnologia”, não é a única, mas uma entre outras cosmotecnologias. Aborda a tecnologia não apenas como formas de uso de ferramentas, mas como uma concepção de mundo que se forja a partir e dentro de maneiras de desenvolver conhecimentos e aplicá-lo aos modos de vida.

Gostaria de destacar, ainda, a abordagem de Ticio Escobar (2021) que aponta para a importância e as possibilidades da arte neste momento. Estudioso das práticas artísticas indígenas contemporâneas no Paraguai, ele coloca a arte como foco de suas análises a partir de um tema filosófico importante na estética euro ocidental: aura. Percebe-se no desenrolar de seu texto a ideia central de que frente ao imprevisível do tempo presente (crise sanitária e outras ameaças ambientais) e do que virá, se exige que a humanidade assuma as responsabilidades pelas desigualdades como causas das crises que já começaram com a pandemia e que, em parte, as precedeu e as provocou. Escobar articula um conjunto de ensaios em quatro capítulos: “A pequena morte da arte”; “Aura dissidente: arte e política”; “A aura na época da reprodutibilidade numérica”; e “Aura diferente: a eficácia das imagens em certas culturas indígenas”. O texto de Escobar problematiza o conceito tradicional de aura como afastamento, desenvolvido por Walter Benjamin, contrapondo a ideia de aura latente, como potência simbólica. Aponta para a importância de abrir lugar para as

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

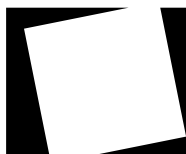
e-ISSN: 2179-8001

cosmovisões dos povos originários neste momento de crises, o que pode ser uma oportunidade de novos horizontes no campo artístico.

Segundo os diversos autores aqui abordados, estamos vivendo hoje uma crise do projeto produtivista capitalista euro-ocidental, que sustenta o modelo tecnológico colonial, que separa territórios e etnias, natureza e tecnologia, esquecendo que vivemos em uma nave Terra. Não é possível pensar fora desta nave, almejando ir para Marte ou qualquer outro planeta e deixar a Terra pegar fogo. As crises climáticas, as guerras, as destruições do planeta afetam a todos, embora mais fortemente aos pobres e explorados. Nesse sentido, Latour alerta para os estudos de Lovelock sobre a Terra ser um planeta vivo, bem diferente dos demais existentes em nosso sistema solar. Aponta ainda que os organismos vivos, em permanente atuação de mudança do meio ambiente para sua sobrevivência, são os responsáveis por manter a Terra viva, retardando sua morte. Segundo o autor, os seres vivos, ao se adaptarem ao seu entorno, alteram esse meio em uma constante espiral de transformações. Novas possibilidades reflexivas e ativistas estão sendo construídas a partir da crítica ao modelo desenvolvimentista, ancorado em um uso da tecnologia como instrumento de poder e dominação, que leva a monopólios, ao uso militar de dominação e destruição, estabelecendo, inclusive crises do modelo democrático, que é um modelo de participação. Por outro lado, abrem possibilidades de rever esses modelos de vida no planeta a partir da diversidade e do coabitar nesta nave-mundo.

Revisando esses autores e suas contribuições, retomo preocupações com o meio ambiente e a preservação da natureza, que já estavam há muito tempo em meu horizonte de interesses, o que ficou evidente no texto *Propostas ecológicas na web arte*, que publiquei, em 2010, na revista *Porto Arte*. Venho pesquisando sobre arte e internet desde 2005, por considerar a importante presença deste novo fenômeno comunicacional na contemporaneidade e as grandes transformações que através dele vêm se estabelecendo. Dentro do projeto de pesquisa sobre arte e internet, coloquei no ar alguns sites e um blog, onde busco divulgar os resultados do trabalho. O primeiro blog, [Territorialidade/Territoriality](#), um banco de dados de web arte no mundo, sendo um documento da pesquisa, onde é possível conhecer muitos trabalhos que não estão mais *on-line*, e ali estão documentados, com imagens das páginas, autor, lugar onde ele foi feito, data e um pequeno descritivo. Ele propõe uma porta de ingresso nessas práticas artísticas que alteram bastante nossa concepção de arte, abrindo novos horizontes no campo da visualidade contemporânea. O site

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

[Arte Reflexões](#) é onde se encontra toda a minha produção, texto, livros, tese, materiais teóricos e curadorias; é uma forma prática de incorporar na internet minha vida de pesquisadora. O site [ConectartBR](#) está dedicado à arte e à internet no Brasil, com várias seções e farta documentação da pesquisa: referências, artistas, uso da internet no sistema da arte etc.. Tem, inclusive, um *blog* com textos escritos pelos bolsistas de IC ligados ao meu grupo de pesquisa e de alunos de bancas de mestrado e doutorado de que participo que têm a ver com o tema. Além dos *sites* e *blogs*, publiquei dois livros sobre o tema, *Web Art e Poéticas do Território* (2011) e *Desafios Arte e Internet no Brasil* (2022), ambos publicados pela Editora Zouk, que estão disponíveis sob forma de ebook na Amazon.

Meu trabalho, a partir dos anos 1980, se desenvolveu dentro de uma modelagem conceitual que tem como base o sistema da arte⁵. Assim, abordo as práticas artísticas que se manifestam dentro de condições históricas, em determinados espaços e locais, influenciando e sendo influenciadas por essas circunstâncias. No âmbito das questões da crise do Antropoceno, penso as práticas artísticas e os sistemas da arte colocados dentro do mundo tecnológico contemporâneo, assumindo debates em termos de cosmotécnicas, de Gaia como conceito-chave e de nave-mundo como projeto, analisando como trabalhos de artistas e ações no sistema da arte se vinculam com essas ideias. Como indivíduos, somos parte de grandes processos, e não podemos achar que estamos fora da deles, que vivemos só para o campo da arte. Nosso trabalho é parte da realidade, ele afirma posições, ele questiona a sociedade, ele contribui para determinar comportamentos e valores, ele apoia certas ideias e nega outras. Estamos sempre num fluxo do qual é importante ter consciência. Não existe um pensamento nem uma ação artística que esteja à margem das grandes disputas que estão na nossa sociedade, e as escolhas estéticas também são escolhas sociais e políticas.

Nessa perspectiva de rever os modelos de vida no planeta, proponho investigar como a arte está imaginando, criando, perscrutando futuros, abrindo formas de pensar a questão da tecnologia em relação à ação dos humanos na Terra. Como a arte alerta para os riscos do uso da tecnologia desenvolvimentista, baseada em grandes monopólios, revendo nossos compromissos com a tecnologia digital, discutindo a questão do poder

5 Conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, a difusão e o consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da "arte" de toda uma sociedade, ao longo de um período histórico (BULHÕES, 1990, p. 17).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

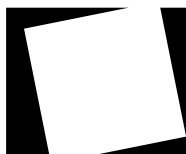
e-ISSN: 2179-8001

das grandes corporações que são responsáveis por uma proporção imensa do lixo despejado no planeta e pela exploração predatória dos minerais necessários para seus produtos. Pois, se hoje a internet nos oferece inúmeras possibilidades, ela também nos ameaça sob a forma de controle das nossas ações, do individual e do coletivo, como analisa Giselle Beiguelman no seu livro *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera* (2022).

Considero necessário trabalhar a partir de um pensamento decolonial que respeite as tecnodiversidades, pois possibilita rever tecnologias colaborativas e práticas que pensam em termos da nossa realidade também, no sentido do questionamento da persistência dessas estruturas coloniais nas quais somos periféricos e explorados, como sociedade no Brasil, América Latina, África e Ásia. Não quer dizer que não exista também exploração dentro dos países dominantes, mas o nosso país, por exemplo, já se construiu dentro de uma lógica de dominação e exploração. Inicia com Portugal devastando as florestas litorâneas para levarem o pau-brasil, e depois o uso predatório da terra para produzir cana-de-açúcar e café; além da exploração de minérios, no ciclo do ouro. Articulada à exploração escravista, à qual estivemos sujeitos e que continuamos a perpetuar no mundo contemporâneo. Essa exploração se internaliza no uso predatório que nós, hoje mesmo, enquanto países independentes, fazemos da nossa natureza e das nossas populações indígenas e afrodescendentes, mais fragilizadas. Essas estruturas coloniais escravistas que se introjetam na mente dos indivíduos, naturalizando a miséria e a dominação.

Hui pode auxiliar na análise dos artistas que trabalham e constroem poéticas que afirmam a tecnodiversidade. Assumindo a tecnologia não como um instrumento, uma ferramenta, mas uma forma de pensar o mundo, explorando outras cosmotecnologias, como, por exemplo, a cosmotécnica amazônica, que não é necessariamente só indígena, mas muito mais complexa. Não para abordar a natureza como algo externo, os rios, as florestas, a paisagem, as chuvas, as plantas, os animais, mas a partir de uma teoria da natureza em que o ser humano também é parte dela. A arte pode valorizar saberes tradicionais, unindo o antigo e os conhecimentos de ponta, e pode ser a chave para deter crises ambientais. Na linha de retomar e valorizar cosmotécnicas tradicionais de povos não hegemônicos, passando a ser abordadas como alternativas a serem articuladas com o que temos de mais inovador para construir o futuro. Valorizar saberes tradicionais, unindo o antigo e os conhecimentos de

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

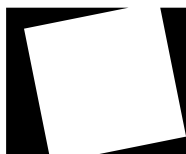
ponta, segundo autores engajados em correntes decoloniais, pode ser a chave para deter crises ambientais.

Na continuidade deste projeto, desafiada pelos debates das crises ambientais, venho desenvolvendo um novo projeto de pesquisa: *Futuros possíveis – arte, natureza e tecnologia*. Nele, trabalho no campo das artes visuais, com as perspectivas de superação da crise apontada nos saberes tradicionais e seu diálogo com os conhecimentos de ponta. Proponho explorar e analisar as formas como a arte está enfrentando essa nova realidade, trazendo-a para o epicentro deste debate, de forma semelhante ao que faz Nicolas Bourriaud, em seu livro *Inclusiones. Estética del Capitaloceno* (2021). Penso que devemos incorporar a força da arte no campo de ação e reflexão, pois nestes tempos de catástrofe ecológica e grandes ameaças planetárias torna-se fundamental repensar o uso que fazemos do espaço que a sociedade atribui à arte. Como venho colocando em diversos textos, a criatividade, o pensamento crítico, as trocas e a prática simbólica enquanto vivência utópica fazem parte da tradição artística que precisam ser fortalecidos para futuros possíveis.

Dentro deste novo projeto, em 2023, no âmbito da *Cátedra Arte e Natureza: processos híbridos*, no acordo do PPGAV com a ICESCO (Organização do Mundo Islâmico para Educação, Ciências e Cultura), ofereci uma disciplina no programa de pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS abordando as inter- relações entre arte, natureza e tecnologia. A disciplina foi desenvolvida em modalidade híbrida (*on-line* e presencial), e retomei antigas preocupações ao abrir novas investigações e reflexões, unindo minhas pesquisas anteriores com abordagens mais atuais. O trabalho se estruturou de forma bastante exploratória com os alunos e deu origem ao site [Arte, Natureza e Tecnologia](#), onde disponibilizamos todo o material das aulas: textos, imagens e vídeos... Em 2024, dando continuidade ao trabalho, agora com uma consolidação mais conceitual, retornei com a disciplina, na mesma modalidade híbrida (*on-line* e presencial) e atendendo alunos do PPGAV em Porto Alegre e do DINTER com a UFAM, com alunos de Manaus.

Dentro deste processo introdutório ao tema, também realizei a curadoria de uma exposição, em junho de 2024, em Joinville. Para esta curadoria foi feita uma chamada pública para artistas da região e realizei a seleção, de forma remota, de portfólios com propostas de trabalhos. Ministrei *workshop* para o grupo selecionado e fiz o acompanhamento *on-line* para o desenvolvimento de suas propostas. Participei, ainda de forma remota, de todo o processo da

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

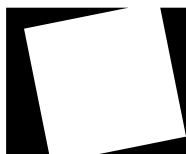
e-ISSN: 2179-8001

expografia e da montagem da mostra. Estando presente na inauguração, pude verificar in loco os resultados positivos de todo o trabalho que está disponível no site <https://www.galeria33.com/expo-presente-sombrio-futuros-possiveis>

Encontro-me em um momento de muitas expectativas na abertura de caminhos, neste projeto que se delinea, procurando o apoio de teóricos de diferentes áreas para me ajudarem a consolidar conceitos e formatar abordagens. Neste texto, apresentei alguns desses autores, destacando que a maioria deles não se dedica ao campo das artes em particular, entretanto, trazem aportes que estou explorando, em partilha com artistas, colegas e alunos, para trazer ao campo da arte a possibilidade de ampliar perspectivas de reflexão. A grande questão desta pesquisa é: Como pensar então essas relações no campo da arte em um mundo pautado pela infosfera? Para enfrentar esta perigosa aventura, primeiro é preciso ter clareza de que tratamos as práticas artísticas como epicentro de possíveis articulações entre arte, natureza e tecnologia, ou seja, pensar sempre a partir delas. Segundo, reconhecer que as práticas artísticas exercem uma ação dentro dessas articulações e de suas lutas, e que vamos trabalhar nestas possibilidades, assumindo compromissos, ações e reflexões para desenvolver esse tipo de conexão.

Proponho pensar nas práticas artísticas, não somente na sua produção, mas na sua circulação, no consumo e na repercussão dessas propostas no sistema da arte. Pesquisar processos envolvidos com diferentes cosmotécnicas, com o desenvolvimento de práticas artísticas em tecnologias colaborativas, rede de relações, tecnologias divergentes, plurais, desenvolvimento de posturas críticas em relação aos usos predatórios da natureza. Práticas inclusivas de outras culturas e tradições que resgatem conhecimentos abandonados, ocultados e renegados. Não dentro de pensamentos folcloristas ou passadistas, mas vendo como os conhecimentos tradicionais podem se articular com o que temos de mais inovador para construir o futuro. Crises ambientais que são internacionais, decorrentes da relação com a natureza baseada no crescimento da desigualdade, podem ter como alternativa a diversidade. Como podemos atuar no âmbito das metatecnologias em termos da arte? Esta pesquisa se direciona na detecção e na afirmação de práticas emergentes e inovadoras, que se articulem com conhecimentos de ponta em projetos divergentes, pluralistas e includentes. Que denunciem formas de exploração e de dominação, de destruição da natureza e de todos os seres que nela estão inseridos, que apontem novos

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

caminhos (lembrando que eles mantêm a Terra viva), e que nós humanos somos parte deste navio-mundo.

Referências

BEIGUELMAM, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu, 2021.

BOURRIAUD, Nicolas. *Inclusiones. Estética del Capitaloceno*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2021.

BULHÕES, Maria Amelia. *Desafios: arte e internet no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2022.

. *Web arte e poéticas do território*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

. Propostas ecológicas na web arte. *Porto Arte*. Porto Alegre: PPGAV UFRGS, v. 17, n. 28, 2010. <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/issue/view/1243>>.

DANOWSKY, Débora; CASTRO, Eduardo V. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2014.

ESCOBAR, Ticio. *Aura Latente/Estética/Ética/Política/Técnica*. Asunción: Ed. Tinta Limón, 2021.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial*. São Paulo: UBU, 2022.

FLORIDI, Luciano. Por um futuro humano verde e azul. *Revista do Instituto Humanitas*, UNISINOS, 28, agosto, 2021. <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612147-por-um-futuro-humano-verde-e-azul-artigo-de-luciano-floridi>>.

. *The Fourth Revolution: How the Infosphere is Reshaping Human Reality*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

LATOUR, Bruno; MARRAS, Alessandro. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu, 2022.

MORIN, Edgar. *Despertemos*. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

MARIA AMELIA BULHÕES

Doutora pela USP (1990), professora titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS (1995), editora da revista Arte&Crítica, da ABCA. Sua pesquisa aborda arte contemporânea em suas relações sistêmicas, com foco nas articulações entre tecnologias e natureza. Últimos livros foram: *Desafios: arte e internet no Brasil* (2022), *Arte contemporânea no Brasil* (2019); *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil* (2014); e *Web arte e poéticas do território* (2011). Recebeu o Prêmio ABCA para publicações (2023 e 2012), Açorianos de Artes Plásticas e Pesquisador Gaúcho da FAPERGS (2018). www.ufrgs.br/arterefexoes/site/

Artigo submetido em 26 de agosto de 2024**Aprovado em 6 de setembro de 2024**

Como citar: Bulhões, M. A. (2024). Futuros possíveis: pensando as crises ambientais a partir da interconexão arte, natureza e tecnologia. PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais, 28(50).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.142125>